



AS MELHORES SÉRIES

D A S U A V I D A

NOVOS EPISÓDIOS

★★★★★ 2020

16

Exillium

Eles foram expatriados. Perderam seu templo, sua cidade, seu sorriso. Foram forçados a abandonar o seu lar e mudar de nomes. Entretanto, quando tudo parecia estar perdido, o anúncio de que Deus estava no comando veio de forma sobrenatural anunciando que, em breve, o exílio teria um fim.

▶ Assistir



Exillium

★★★★★ 2020 16 1T

Episódio 1 Prólogo

*"Junto aos rios da Babilônia nós nos sentamos e choramos com saudade de Sião. Ali, nos salgueiros penduramos as nossas harpas; ali os nossos captores pediam-nos canções, os nossos opressores exigiam canções alegres, dizendo: 'Cantem para nós uma das canções de Sião!' Como poderíamos cantar as canções do Senhor numa terra estrangeira? Que a minha mão direita defínhe, ó Jerusalém, se eu me esquecer de ti!"
Salmos 137:1-5*



Jerusalém, 605 a.C. A cidade está cercada. Não há mais escapatória para nosso povo. Os babilônios, que massacraram os egípcios e devastaram as cidades da Filístia, agora se voltaram contra nós. Seu general, Nabucodonosor II, príncipe da Babilônia, conhecido entre nossos sábios como “O Perverso”, graças a sua crueldade abusiva, não terá piedade de nosso povo.

Contudo, após receber a notícia do falecimento de seu pai, o rei Nabopolassar, Nabucodonosor precisou imediatamente abandonar o cerco e voltar a seu país para reclamar o trono. Então, ele, traiçoeiramente, quebrou o acordo de submissão oferecido por Jeoaquim, rei de Judá, e decidiu levar consigo 12 mil jovens, membros da nobreza judaica, como cativos, dando início ao episódio mais traumático de nossa história: o Exílio.

Acorrentados e expatriados, esses jovens percorreram mais de 1300 km por 5 meses, passando por regiões áridas e desérticas. Os que sobreviveram à jornada, foram assimilados pela corte real da Babilônia, vivendo no palácio como servos do rei.

Por mais misericordiosa que essa oferta soasse, ela não era de forma alguma desprezível. Tudo era parte de um plano para acabar com a linhagem real dos judeus. Os nobres, príncipes e candidatos ao trono de Judá, agora viveriam no palácio real e seriam facilmente seduzidos pela suntuosidade e luxo da corte de Nabucodonosor. Eles deveriam

receber nomes babilônicos, aprender o idioma da nação, idolatrar sua cultura, comer sua comida, cultivar sua religião, apreciar sua arte, aprender suas canções (ver Daniel 1:3-7). A partir de então, os nobres judeus seriam filhos adotivos da Babilônia.

nobreza judaica se tornaria totalmente babilônica. Entretanto quatro jovens, entre aqueles 12 mil, resistiriam a isso: Ananias, Misael, Azarias e Daniel. Eles seriam a pedra no sapato do rei Nabucodonosor.

[Continua...]



1. Você já sentiu que não se encaixa neste mundo? Como isso afeta sua comunhão com Deus?
2. De que maneira nossos relacionamentos com as coisas deste mundo podem nos fazer esquecer nossa Jerusalém?
3. Como viver, hoje, no mundo sem ser do mundo?



O plano do rei era simples, porém ousado: assimilação cultural. Aquela seria a última geração de nobres judeus que honraria Jerusalém e seu Deus. De agora em diante, os melhores de Judá seriam cidadãos babilônicos. A memória de Jerusalém seria apagada. Bastaria apenas uma geração, e a



**Quem não tem
identidade
vira cópia.**

Odailson Fonseca

Continuar

T1:E2 - Dor e Sofrimento

Exillium



2020

16

1T

Episódio 2

Dor e Sofrimento

"No terceiro ano do reinado de Jeoaquim, rei de Judá, Nabucodonosor, rei de Babilônia, veio a Jerusalém, e a sitiou. E o Senhor entregou Jeoaquim, rei de Judá, nas suas mãos, também alguns dos utensílios do templo de Deus. Ele levou os utensílios para o templo do seu deus na terra de Sinear, e os colocou na casa do tesouro do seu deus."

Daniel 1:1-2



Nosso sofrimento era gigantesco. Nossa amada cidade foi entregue a Nabucodonosor. Nossos reis viraram seus servos; nossos jovens foram para sua terra; e, anos depois (586 a. C.), nosso templo foi reduzido a cinzas e pó. Diante de tudo isso, todos pensamos que Deus havia nos abandonado. Foi então que um de nossos jovens começou a contar a história de uma forma como nós ainda não tínhamos percebido. Seu nome era Daniel. Mais tarde ele se tornaria um de nossos maiores profetas.

Quando Daniel escreveu sobre o Exílio, algo nos impressionou. Na última e definitiva invasão de Nabucodonosor à Cidade Santa, sangue foi derramado, jovens foram capturados, e a população enfrentou fome. Inúmeras foram as barbáries, mas, incrivelmente, Daniel não relatou o sofrimento do povo.

Além do mais, muitos de nossos jovens foram castrados e levados para servirem como eunucos no palácio real, como havia profetizado Isaías (Isaías 39:7). É bem provável que o próprio profeta Daniel tenha sofrido essa mutilação humilhante, uma vez que ficou sob os cuidados do chefe dos eunucos (Daniel 1:3, 7-8, 10-11 e 18). Contudo, o profeta não se preocupou em relatar seu próprio sofrimento.

Na versão de Daniel do exílio, entretanto, embora não tenha falado de seu sofrimento ou o do povo, ele estranhamente citou três vezes os utensílios do templo de Jerusalém. Para mentes oci-

dentais, isso pode soar estranho, mas, para nós, aquilo era uma mensagem muito forte. Sempre que um império era conquistado, era comum que o comandante do exército vencedor entrasse no templo do deus vencido e levasse dali os ídolos que representavam a divindade para a casa do tesouro da nação vitoriosa. Era como se o próprio Deus fosse levado como troféu dos vitoriosos. Este seria deportado e incorporado ao rol de divindades inferiores do panteão daquela nação, representando a derrota da divindade. Como Nabucodonosor não encontrou “nenhum ídolo no templo para levar para o cativeiro, pôde apenas tomar os utensílios como símbolos de seu dono”.

Aquilo significava a humilhação do Deus de Israel. Deus estava indo para o exílio junto com o povo. Ele estava sofrendo com Israel. Daniel não se preocupou com seu próprio sofrimento nem com o sofrimento do povo, porque no sofrimento de Deus estava incluído o sofrimento de todos.



**Nenhuma lágrima é
vertida sem que Deus a
note.**

Ellen. G. White



1. O que você sente ao saber que Deus sempre sofre conosco?

2. Se Deus sofre com o povo, qual deveria ser nossa atitude com relação às lutas de nossos semelhantes?

3. Se o sofrimento de todos estava incluído no sofrimento de Deus, qual é a melhor forma que temos para “amenizar”, por assim dizer, o sofrimento divino?



Daniel nos mostrou que nós não estávamos solitários no Exílio. Deus também perdeu sua casa e foi morar conosco em Babilônia. Aleluia! Não estamos abandonados neste mundo. Por maior que seja nosso sofrimento, temos um Deus que sofre conosco, que encara o exílio de dor ao nosso lado. A maior prova disso é que, séculos depois, Ele visitaria nosso planeta e suportaria terríveis aflições para nos mostrar que não estamos sós. Não é à toa que, nessa ocasião, Ele seria chamado de “Emanuel, que quer dizer: Deus conosco” (Mateus 1:23).

[Continua...]

Continuar

T1:E3 - Sonhos e Pesadelos

Exillium



2020

16

1T

Episódio 3

Sonhos e Pesadelos

"E Ihes pediu que rogassem ao Deus dos céus que tivesse misericórdia acerca desse mistério, para que ele e seus amigos não fossem executados com os outros sábios da Babilônia"
Daniel 2:18



Babilônia, 603 a.C. Em Babilônia, uma antiga tradição dizia que esquecer-se de um sonho era um mau presságio: “Se um homem se esquece de seu sonho, isso significa que seu deus está irado contra ele”. Por isso, o rei Nabucodonosor estava desesperado. Ele reuniu seus feiticeiros, e exigiu que estes lhe revelassem o conteúdo do sonho e sua interpretação.

Como era de se esperar, nenhum dos sábios, astrólogos, encantadores ou magos da corte era capaz de adivinhar o sonho nem tampouco sua interpretação. Nabucodonosor se sentia enganado, por isso, “ele ordenou a execução de todos os sábios da Babilônia” (Daniel 2:12). Quando a sentença já estava prestes a ser executada, Daniel, conhecido na corte como Beltessazar, um ousado príncipe da linhagem de Judá, disse que poderia solucionar o mistério se lhe dessem um pouco mais de tempo.

O jovem Daniel chamou seus amigos mais próximos para fazer algo muito mais poderoso que qualquer encantamento ensinado em Babilônia: orar. Os sábios buscaram respostas em suas mentes brilhantes; Daniel e seus companheiros, entretanto, buscaram respostas em seus joelhos dobrados. Os encantadores pronunciavam palavras mágicas para tentar saber o que estava acontecendo; os jovens hebreus, todavia, pronunciavam palavras de confiança no Deus que tudo sabe. Os astrólogos renomados olhavam para o céu para encontrar nas estrelas uma possível resposta. Porém, aqueles

quatro rapazes desconhecidos olhavam para o céu em busca dAquele que está acima das estrelas, na certeza de que Ele lhes responderia.



1. Você já experimentou um grande milagre através de uma oração atendida? Conta pra gente como foi.
2. Numa escala de zero a dez, como anda sua vida de oração?
3. Como podemos utilizar nossas orações para abençoar a vida daqueles que nos cercam?



Um dos ingredientes indispensáveis à oração que gera milagres é a ousadia. Foi isso que Daniel nos ensinou. Depois que fomos para o exílio, nós tínhamos perdido isso. Ficamos tímidos, cabisbaixos. Mas aquele jovem sempre nos lembrava que Deus estava conosco em todos os momentos.

Deus revelou a Daniel o sonho de Nabucodonosor e sua interpretação. O rei havia sonhado com uma imagem de escultura, um ídolo, uma estátua gigante, em formato humanoide, que tinha a cabe-

ça de ouro, o peito e os braços de prata, os quadris de bronze, as pernas de ferro, e os pés em parte de ferro e em parte de barro. Uma rocha foi cortada sem o auxílio de mãos humanas, atingiu a estátua e a esmigalhou.

Cada parte da estátua era um reino que sucederia o outro no decorrer da história. Até aqui, o único reino mencionado era Babilônia, o império esplendoroso de Nabucodonosor – representado pela cabeça de ouro, o mais reluzente e valioso dos metais. Contudo, o sonho apontava para o fato de que, cedo ou tarde, Babilônia passaria. Entretanto, Nabucodonosor não desejava que essa profecia se cumprisse e logo começou a fazer planos para resistir ao decreto divino.

[Continua...]



A oração é o suor da alma.

Martinho Lutero

Continuar

T1:E4 - Fé Que Se Arrisca

Exillium



2020

16

1T

Episódio 4

Fé Que Se Arrisca

*"O rei Nabucodonosor fez uma imagem de ouro de vinte e sete metros de altura e dois metros e setenta centímetros de largura, e a ergueu na planície de Dura, na província da Babilônia."
Daniel 3:1*



O sonho de Nabucodonosor ainda lhe consumia os pensamentos. Babilônia, seu idolatrado império, não poderia ser arruinado. Contudo, à medida que o tempo passava, o rei via que seu reino estava perdendo a unidade. Aos poucos, a profecia se cumpria diante dos seus olhos. Por isso, ele mandou fazer uma estátua de ouro e convocou as autoridades do império para adorá-la. “Meu reino não passará! Ergam uma estátua de ouro em Dura! Mostraremos ao mundo que o nosso domínio será eterno”, foram suas ordens.

Embora aquela fosse uma cerimônia religiosa, curiosamente, as figuras convocadas pelo rei para a consagração da estátua eram do ambiente político. Foram convocados sátrapas, prefeitos, governadores, conselheiros, tesoureiros, juizes, magistrados e todas as autoridades provinciais (Daniel 3:2), a fim de prostrar-se diante daquela imagem, e demonstrar a unidade e a posteridade do império babilônico.

“Então o arauto proclamou em alta voz: ‘Esta é a ordem que lhes é dada [...]: Quando ouvirem o som [...] de toda espécie de música, prostrem-se em terra e adorem a imagem de ouro que o rei Nabucodonosor ergueu. Quem não se prostrar em terra e não adorá-la será imediatamente atirado numa fogueira em chamas’” (Daniel 3:4-6).

Enquanto a música tocava, cada súdito de Nabucodonosor se prostrava, adorando sua imagem como divina. Entretanto, aqueles mesmos três rapazes que se uniram a Daniel em oração para que

Deus lhe revelasse o sonho permaneceram de pé, mesmo em face das ameaças das chamas. Aquele ato de insubordinação deveria ser castigado. Contudo, aqueles jovens preferiam perder a vida a negar a fé e disseram:

“Ó Nabucodonosor, não precisamos defender-nos diante de ti. Se formos atirados na fogueira em chamas, o Deus a quem prestamos culto pode livrar-nos, e ele nos livrará das suas mãos, ó rei. Mas, se ele não nos livrar, saiba, ó rei, que não prestaremos culto aos seus deuses nem adoraremos a imagem de ouro que mandaste erguer” (Daniel 3:16-18).



1. Você já experimentou provas por conta de sua fé? Como foi?
2. Em Daniel 3:2, vimos o perigo de uma religião particular dominando o Estado. O que você pensa disso?
3. Você concorda que uma fé que não se arisca é uma fé atrofiada?



Aquele dia jamais será esquecido. Os olhos que viram aquela cena nunca foram tão impressionados. Três rapazes amarrados foram jogados na for-

nalha, que estava aquecida ao máximo. As chamas incineraram as cordas, mas nem sequer tocaram suas peles. Ao lado deles, um quarto homem, que disseram ter a aparência de “um filho dos deuses” (Daniel 3:25).

Sim! Aquele era mais um sinal de que Deus estava conosco em Babilônia e que não havia nos desamparado. Onde quer que estivéssemos, lá Ele também estaria. Era impossível não lembrar as palavras de um de nossos antigos profetas: “Quando você andar através do fogo, você não se queimará; as chamas não o deixarão em brasas. Pois eu sou o Senhor, o seu Deus, o Santo de Israel, o seu Salvador” (Isaías 43:2,3).

Quando Ananias, Misael e Azarias voltaram para nosso povo, percebemos que “o incenso só exala seu perfume se queimado” (Provérbio Árabe). Porém, a maior lição daquele dia, para todo o nosso povo no exílio, foi descobrir que não existe lugar melhor para se encontrar com Deus que dentro das chamas da provação.

[Continua...]



Não resta mais nada, o Senhor é a nossa porção; E já não importa quem somos, mas quem Ele é; Para trás o passado e em troca o risco da fé.

O Risco da fé, Os Arrais

Exillium

★★★★★ 2020 16 1T

Episódio 5

Inimigos

"Agora eu, Nabucodonosor, louvo e exalto e glorifico o Rei dos céus, porque tudo o que ele faz é certo, e todos os seus caminhos são justos. E ele tem poder para humilhar aqueles que vivem com arrogância."

Daniel 4:37



Para nosso povo, Nabucodonosor era um algoz, um inimigo. Ele nos tirou de nossa pátria, destruiu nossas casas e incendiou o templo do Senhor. A simples menção de seu nome evocava desgraça e horror. Nós o repudiávamos com todas as nossas forças. Mas o Eterno, não.

O exílio não era apenas uma lição sobre a infidelidade de nosso povo. Era, acima de tudo, uma lição da fidelidade de Deus conosco, mas também com todos – e isso incluía Nabucodonosor. Tudo estava muito claro, mas nós não enxergávamos. A deportação do povo, a oração de Daniel, a provação na fornalha ardente... tudo parecia ter sido orquestrado na eternidade para que Deus revelasse Seu plano de graça universal.

Primeiro, Deus fez toda uma nação mudar de endereço para testemunhar para um homem e seu povo. Em seguida, Ele “infiltrou” os jovens hebreus na corte real, e estes se distinguiram de todos os demais. Depois, o Senhor revelou a Nabucodonosor os segredos do futuro em sonhos e visões da noite, e revelou esses mesmos segredos para Seu servo Daniel, colocando-o em contato direto com o rei. Tempos depois, Nabucodonosor viu o céu invadir a fornalha e testemunhou a grandiosidade do Deus que ele havia julgado fraco.

Nada disso, contudo, foi o suficiente para mudar o coração orgulhoso do monarca. Porém, em breve, algo mudaria esse quadro. Nabucodonosor voltou a sonhar. Desta vez, o sonho não era sobre o destino do mundo, mas sobre o seu. Ele exigiu

que Daniel mais uma vez interpretasse o conteúdo do sonho.

O profeta, então, anunciou a natureza divina de sua visão e declarou: “Tu serás expulso do meio dos homens e viverás com os animais selvagens; comerás capim como os bois e te molharás com o orvalho do céu. Passarão sete tempos até que admitas que o Altíssimo domina sobre os reinos dos homens e os dá a quem quer” (Daniel 4:25).

Qualquer um de nós se alegraria com o veredito profético. Afinal, nosso povo parecia estar sendo vingado! Enfim, o rei provaria um pouco das desgraças que trouxe sobre o povo do Senhor! Porém, mesmo sendo um de nós, Daniel não pensava assim. Ele era misericordioso. Passava tanto tempo com Deus que se parecia mais com Ele que conosco. Ele tentou alertar o rei, fazendo o contrário do que outros fariam: “Portanto, ó rei, aceita o meu conselho: Renuncia a teus pecados e à tua maldade, pratique a justiça e tenha compaixão dos necessitados. Talvez, então, continues a viver em paz” (Daniel 4:27).

O coração duro de Nabucodonosor o impediu de seguir tal conselho e, por sete anos, ele viveu como um animal. “Ele foi expulso do meio dos homens e passou a comer capim como os bois. [...] seus cabelos e pelos cresceram como as penas de uma águia, e as suas unhas como as garras de uma ave” (Daniel 4:33).



1. Você já parou para pensar que Deus ama todas as pessoas, inclusive aquelas que lhe fazem mal?

2. O que você sente quando vê alguém que o feriu se dando mal? O que isso revela sobre você?

3. Você já experimentou orar por alguém que o machucou? Que tal fazer isso agora?



Quando soubemos que o rei estava amaldiçoado, vivendo como uma fera, nosso coração se encheu da esperança de que aquilo era a vingança do Senhor. Como estávamos enganados! Confundir misericórdia com castigo: eis a especialidade dos tolos.

Deus amava Nabucodonosor assim como amava Israel e, por isso, teve piedade dele. O rei aprendeu sobre a misericórdia do Eterno, mas ele não foi o único. Nós também vimos que a graça de Deus é ilimitada e imparcial. Infelizmente, contudo, o neto de Nabucodonosor rejeitaria essa lição no futuro.

[Continua...]



A melhor maneira de destruir um inimigo é fazer dele seu amigo.

Abraham Lincoln

Continuar

T2:E6 - A Última Festa

Exillium

★★★★★ 2020 16 2T

Episódio 6 A Última Festa

"Pelo contrário, tu te exaltaste acima do Senhor dos céus. Mandaste trazer as taças do templo do Senhor para que nelas bebessem tu, os teus nobres, as tuas mulheres e as tuas concubinas. Louvaste os deuses de prata, de ouro, de bronze, de ferro, de madeira e de pedra, que não podem ver nem ouvir nem entender. Mas não glorificaste o Deus que sustenta em suas mãos a tua vida e todos os teus caminhos."
Daniel 5:23



Babilônia, 539 a.C. Cálices de vinho erguidos ao ar em meio a orgias em um bacanal. Uma cena deplorável de uma nobreza que se prostituía. Nabucodonosor descansou junto de seus antepassados, sepultado no cemitério real, havia mais de vinte anos. Seu filho, Nabonido, era o novo rei de Babilônia. Nabonido dedicou sua vida aos rituais babilônicos que seu pai havia descartado, e nomeou, como regente do Estado, Belsazar, seu filho, neto de Nabucodonosor.

Ao receber a notícia de que as tropas de Ciro se aproximavam de Babilônia, Belsazar organizou um banquete para mostrar que não havia temor em seu coração, afinal, as muralhas de sua cidade eram intransponíveis, e seu sistema de defesa era invencível.

Naquela noite de outono, a corte celebrava as memoráveis vitórias do império no decorrer dos anos. O que Belsazar não poderia saber é que ali ele seria traído por seu ego. O rei quis relembrar a vitória que seus antepassados obtiveram sobre o território de Judá e pediu para que fossem trazidos perante ele os utensílios retirados do templo de Jerusalém por seu avô, Nabucodonosor. Belsazar planejava profanar esses objetos para mostrar que seus deuses eram superiores e o ajudariam a repetir as vitórias do passado. Contudo, ele ignorava que estava mexendo com o Deus errado.

De repente, sobre um dos castiçais, uma inscrição começou a ser gravada na parede: MENE MENE

TEKEL PARSIN. A arrogância de Belsazar se converteu, então, em covardia: “Seu rosto ficou pálido, e ele ficou tão assustado que os seus joelhos batiam e as suas pernas vacilaram” (Daniel 5:6). Diante de mais uma tentativa frustrada de interpretação dos sábios de Babilônia, Daniel foi convocado, novamente, diante do rei, para fazer-lhe saber o que estava escrito: “E este é o significado dessas palavras: Mene: Deus contou os dias do teu reinado e determinou o seu fim. Tequel: Foste pesado na balança e achado em falta. Peres: Teu reino foi dividido e entregue aos medos e persas” (Daniel 5:26-28).

Naquela mesma noite, a profecia da estátua começava a se cumprir. Um novo reino sucederia Babilônia. Aquela era a prova de que precisávamos para lembrar que Deus não apenas estava à frente do nosso destino, mas do futuro de toda a humanidade.

Era o fim de um império em seu apogeu. Parecia impossível que o reino da Babilônia ruísse. Mas os decretos de Deus são irrevogáveis. Ele não está preso às probabilidades. Ele não é pego de surpresa pelo acaso. Ele não Se atrasa nem Se adianta. O exílio provou isso. Contrariando expectativas, anulando possibilidades, Ele cumpriu o que disse aos profetas na Babilônia e o fará novamente no tempo do fim.

[Continua...]



Deus está nas coincidências.

Nelson Rodrigues



1. De que maneira você enxerga Deus no controle da história? Dê exemplos.
2. De que maneira você enxerga Deus no comando de sua vida? Dê exemplos.
3. O que você tem feito para apresentar aos outros este Deus que está no controle da história do mundo e da sua?



Exillium

★★★★★ 2020 16 2T

Episódio 7

O Intocável

"Quando Daniel soube que o decreto tinha sido publicado, foi para casa, para o seu quarto, no andar de cima, onde as janelas davam para Jerusalém. Três vezes por dia ele se ajoelhava e orava, agradecendo ao seu Deus, como costumava fazer."
Daniel 6:10



Play

Daniel já não era mais um jovem, mas a experiência que havia acumulado como chefe de estado em Babilônia era ainda mais útil para o reino dos medos e persas. Por isso, ele foi colocado como um dos três principais governadores no reinado de Dario, e isso atraiu sobre ele conspirações políticas. Como tentaram incriminá-lo por corrupção, mas não acharam nenhum indício de mácula em seu caráter, projetaram uma armadilha para apanhá-lo em sua devoção ao Deus de Israel.

Seus inimigos políticos fizeram com que Dario, o rei dos medos, assinasse um decreto proibindo que qualquer pessoa no império orasse a qualquer Deus que não fosse o próprio rei. Assim que Daniel soube do decreto, ele foi para seu quarto e voltou-se para Jerusalém a fim de orar.

Inacreditavelmente, Jerusalém não era símbolo de vitória naquela ocasião. A cidade estava em ruínas, e o templo, reduzido a pó. A capital dos judeus tinha sido destruída pelas tropas babilônicas, e olhar para aquilo não trazia esperança de um futuro triunfante.

Todavia Daniel já havia vivido tempo suficiente para entender que o futuro repousava nas mãos do Eterno. Ao se voltar para Jerusalém, ele não queria enxergar o futuro. Ele queria se lembrar de seu passado, de sua origem, de sua identidade. Quando dobrava seus joelhos e se voltava para Jerusalém, era como se ele estivesse dizendo que não negaria suas origens, que não se esqueceria de onde veio,

que não renegaria sua herança. A cidade estava em ruínas, mas sua fé era um edifício inabalável.

Em virtude disso, Daniel foi acusado de traição e sentenciado à morte na cova dos leões. Contudo, na cova, as feras famintas não puderam se alimentar da carne do profeta, uma vez que o Senhor fechou a boca dos leões e protegeu Seu servo.

Pause

1. Para você, o que é oração? Quão importante ela é em sua vida?
2. Como o hábito de orar o ajuda a não se esquecer de sua pátria celestial?
3. O que podemos fazer em nosso #pg-mystyle para ajudarmos uns aos outros em nossas lutas de oração?



No futuro, muitos pensarão que Daniel queria contar a história do mundo. Ele será conhecido por gerações como um grande profeta. Mas não era assim que nós o conhecíamos. Quem se aproximava de Daniel logo percebia a razão do mover sobrenatural sobre sua vida. De fato, seu livro tem profundas revelações sobre o futuro, mas muitos ignoram que suas predições estão acompanhadas

por sinceros e agonizantes momentos de oração.

Enquanto registrava suas profecias, Daniel mencionou em seu livro, pelo menos, sete situações em que a prece foi indispensável. Para nossos sábios, o número sete tem o significado de plenitude. Isso demonstra claramente que a intervenção do sobrenatural acompanha a alma suplicante e que “a história repousa nas mãos da oração”. Por isso, Daniel arriscaria tudo para orar. Arriscaria a própria vida quantas vezes fosse necessário.

[Continua...]



Minhas orações não mudam a Deus, mudam a mim mesmo.

C. S. Lewis

Continuar

T2:E8 - As Feras e o Homem

Exillium

★★★★★ 2020 16 2T

Episódio 8

As Feras e o Homem

*"A ele foram dados autoridade, glória e reino; todos os povos, nações e homens de todas as línguas o adoraram. Seu domínio é um domínio eterno que não acabará, e seu reino jamais será destruído."
Daniel 7:14*



Babilônia, 553 a. C. Já haviam se passado mais de 50 anos desde que os primeiros cativos haviam sido deportados de Judá para a Babilônia. A esperança do povo de retornar para sua terra minguava a cada amanhecer. O próprio Daniel, agora com cerca de 70 anos, já vislumbrava o fim de seus dias antes de ver Jerusalém reconstruída. Todavia, mais uma vez, o Céu invadiu a Terra para lhe trazer uma mensagem.

O profeta teve um sonho estranho (Daniel 7:1). Ele viu o mar sendo agitado e animais saindo da água. Curiosamente, não eram animais marinhos como se esperaria. Eram bestas aterradoras que se pareciam com feras do campo: um leão com asas, um urso com um dos lados maior que o outro, um leopardo com quatro cabeças e quatro asas e, por fim, uma fera indescritível com dentes de ferro e dez chifres. A cada um destes animais foi dado o domínio por um período de tempo, até que o Filho do Homem Se aproximou do Ancião sentado no trono celestial e recebeu o domínio definitivo.

Daniel percebeu que o conteúdo de sua visão equivalia ao que fora revelado a Nabucodonosor: a sucessão de impérios e o estabelecimento definitivo do reino de Deus. Contudo, uma vez que as imagens de sua visão eram diferentes daquelas que Nabucodonosor havia contemplado, era óbvio que a mensagem de Deus para o profeta diferia da que o rei havia recebido. Era tudo uma questão de cosmovisão.

Para o rei Nabucodonosor, a história do mundo foi revelada no formato de um ídolo, uma estátua feita, em grande medida, a partir de metais preciosos, que foi esmiuçada por uma pedra comum, que, se comparada com os metais da estátua, parecia algo sem valor. Em outras palavras, Deus queria dizer a Nabucodonosor que ele idolatrava os reinos e a política deste mundo, mas desvalorizava o reino dos céus. Contudo, aquilo que aos olhos dele não tinha valor (a pedra), colocaria um fim na luta pelo poder.

Já na visão de Daniel, esses mesmos impérios são representados como feras agressivas e impuras (ver Levítico 11). Para ele, a luta por poder e domínio era irracional, exatamente como aquelas bestas. Por fim, quem aparece para receber do trono celestial o domínio definitivo é semelhante a um filho do homem – a imagem de Deus, o ser racional que pode dominar as bestas. Além do mais, o mar agitado, os animais que surgem e a utilização do termo “domínio” relembram o profeta da história da criação, em Gênesis 1, quando o homem recebeu o domínio e o caos teve um fim definitivo. Assim, o Eterno devolveu ao profeta a esperança de dias em que a ordem da criação seria reestabelecida.



1. Que diferença nossa cosmovisão (conjunto individual de valores) faz em nosso relacionamento com Deus?

2. Diante das tensões políticas que vivemos, você tem militado em favor da política humana, do reino de Deus ou de nenhum dos dois? Você tem enxergado as coisas como Nabucodonosor, que tinha esperança nos sistemas políticos deste mundo, ou como Daniel, que depositava toda a sua esperança no reino de Deus?



Reis pagãos e profetas ungidos enxergam as coisas de formas diferentes. Eles olham para a mesma coisa – as cenas do futuro – mas seus sentimentos são diferentes. Em uma época na qual a militância política substitui a propagação do reino, a mensagem de Deus no livro de Daniel não poderia ser mais oportuna. Não há esperança real em homens ou partidos políticos. Quando o Eterno esteve entre nós, ele destacou: “meu reino não é deste mundo” (João 18:36). Faríamos bem em lembrar-nos disso.
[Continua...]

“O que um homem carrega em seu coração, afeta profundamente sua visão.”

Diego Barros

Continuar

T2:E9 - 2.300 Tardes e Manhãs

Exillium

★★★★★ 2020 16 2T

Episódio 9

2.300 Tardes e Manhãs

*"Ele me disse: até duas mil e trezentas tardes e manhãs e o santuário será purificado."
Daniel 8:14*



Dois anos se passaram desde que Daniel teve a visão das bestas no mar. Seu coração encheu-se novamente com a esperança de um futuro melhor, com o reino de Deus estabelecido, mas o profeta ainda estava cheio de inquietações. Ele viu um elemento adicional que não aparecera na visão de Nabucodonosor. Um chifre pequeno emergia da última fera de sua visão: “Ele falará contra o Altíssimo, oprimirá os seus santos e tentará mudar os tempos e as leis” (Daniel 7:25). Para esclarecer suas inquietações, ele foi acometido de uma nova visão da parte de Deus.

Desta vez, ele viu dois animais, em vez dos quatro, da visão anterior. Contudo, os animais dessa vez não eram feras selvagens, mas, sim, um carneiro e um bode. Embora a sucessão de reinos esteja aparecendo pela terceira vez nas visões de seu livro, esta é a primeira vez que o profeta é informado sobre quais reinos sucederiam Babilônia. O carneiro de sua visão representava o império medo-persa (Daniel 8:20); o bode, por outro lado, o império grego (Daniel 8:21).

Aquela visão trouxe ao profeta lembranças dos dias de sua juventude quando ainda estava em Jerusalém. Ele se lembrou do templo de Deus e recordou que aqueles dois animais só apareciam juntos no santuário na principal festa do povo, o Yom Kippur, ou Dia da Expição, no idioma de vocês.

O Yom Kippur era o dia nacional do perdão, o dia em que o pecado era expiado do meio do povo e do

templo de Deus. Nesse dia, comemoramos um novo ciclo de vida, um novo ano que simboliza uma nova criação. Ao ver o carneiro e o bode lutando em um contexto de purificação do santuário (Daniel 8:14), o profeta sabia que se tratava de algo relacionado com o fim dos tempos, com a nova criação.

Essa visão de Daniel o fez enxergar além de seu tempo. Seus olhos foram direcionados para o tempo do fim numa profecia que se estenderia por 2.300 dias proféticos, o equivalente a 2.300 anos – como os antigos nos ensinaram, na profecia, cada dia equivale a um ano (Números 14:34 e Ezequiel 4:5-7).

Contudo, antes do desfecho da história, novamente um poder, opositor ao Senhor, desafia o príncipe do exército do Senhor e destrói o local do santuário. Nos dias do profeta Daniel, o santuário já não existia. A profecia apontava agora para outro santuário, o santuário celestial, a morada do Altíssimo. Em outras palavras, a guerra travada na Terra tem impacto cósmico. Essa realidade era nova para Daniel; tudo aquilo era demais para ele entender.

Mais uma vez, o profeta Daniel permaneceu perplexo diante de suas visões. “Eu, Daniel, fiquei exausto e doente por vários dias. Depois levantei-me e voltei a cuidar dos negócios do rei. Fiquei assustado com a visão; estava além da compreensão” (Daniel 8:27). Seu coração estava cheio de inquietações. Contudo, grande parte desses mistérios em breve lhe seria revelada.

[Continua...]



1. Em uma escala de zero a dez, qual é seu nível de interesse no estudo das profecias? Qual é a razão de sua resposta?

2. A profecia das 2.300 tardes e manhãs está intimamente relacionada com o surgimento da Igreja Adventista. Isso não seria um bom motivo para estudar essa profecia em particular?

3. Assumindo que a profecia é importante, não seria uma boa dedicar tempo a estudá-la minuciosamente? Quando o nosso #pgmystyle poderia fazer isso?



Sou adventista por convicção e não por escolha.

George Knight

Exillium

The background image shows a man with a beard, seen from behind, kneeling on a rocky mountain peak. He is reaching out with his right arm towards the sky. The sky is filled with a warm, golden light from a low sun, creating a silhouette effect on the man and the landscape. Three angels with large, feathered wings are flying in the sky, each holding a trumpet. The overall scene is one of spiritual aspiration and divine communication.

★★★★★ 2020 16 3T

Episódio 10

O Messias

"Assim que você começou a orar, houve uma resposta, que eu lhe trouxe porque você é muito amado. Por isso, preste atenção à mensagem para entender a visão."

Daniel 9:23

Babilônia, 538 a. C. Os persas haviam acabado de vencer os babilônios. Nossos sábios entenderam aquilo como um bom presságio. Estudando as Escrituras, eles perceberam que Jeremias havia profetizado que a desolação do povo duraria apenas 70 anos. Eles também notaram que o profeta Isaías havia predito que Ciro seria um libertador para nossa nação, e que em seus dias ele ordenaria a reconstrução de Jerusalém e do templo do Senhor (Isaías 44:28). Era o raiar da esperança no horizonte de nossa nação. Daniel, contudo, ainda andava perturbado com a visão das tardes e manhãs.

Enquanto um sorriso brotava em toda uma nação, o profeta agonizava em oração: “Ouve, nosso Deus, as orações e as súplicas do teu servo. Por amor de ti, Senhor, olha com bondade para o teu santuário abandonado” (Daniel 9:17). “Senhor, ouve! Senhor, perdoa! Senhor, vê e age! Por amor de ti, meu Deus, não te demores, pois a tua cidade e o teu povo levam o teu nome” (Daniel 9:19). As batidas do coração de Daniel continuavam em harmonia com a eternidade. Enquanto a esperança nos era devolvida, Daniel, desesperado, orou para que Deus não sofresse mais. Ele pensava nas blasfêmias que ouvira do chifre pequeno na visão. Pensava na profanação do santuário celestial. Pensava que Deus não deveria suportar mais sofrimentos do que já suportara.

Quando um homem coloca os interesses de Deus acima dos próprios interesses, o Céu se move em seu

favor. Gabriel, emissário do Céu, cruzou as galáxias numa velocidade superior à da luz e trouxe para o profeta em agonia o maior dos consolos: a certeza da vinda do Messias. Ele explicou que, a partir do decreto de reconstrução de Jerusalém, as ampulhetas cósmicas iniciariam uma contagem regressiva de 70 semanas proféticas até que o Messias viesse a esta Terra, fosse ungido, morto, e estabelecesse a Nova Aliança, não apenas com os judeus, mas com todos os povos. Oh! Como aguardamos por isso!

O Messias foi a primeira promessa do Eterno para a humanidade (ver Gênesis 3:15). Nossos ancestrais aguardam Sua vinda há milênios. Adão, o jardineiro, esperou que ele viesse em seus dias. Abraão, nosso pai, achava que Ele seria o filho da Promessa. Moisés, o grande profeta, predisse Seu nascimento. De geração em geração, nós O aguardamos. Sabíamos que Ele viria na plenitude dos tempos (Gálatas 4:4), mas apenas um entre todos os nossos sábios foi consolado com a certeza das datas de Seu ministério: Daniel, conhecido entre os anjos como homem muito amado (Daniel 9:23).

O decreto final para a reconstrução de Jerusalém foi assinado em 457 a.C. A partir dali, a profecia das 70 semanas proféticas (490 anos) se cumpriu com exatidão. Quarenta e nove anos para a reedificação de Jerusalém, nossa cidade santa. Quatrocentos e trinta e quatro anos até a unção de Cristo em Seu batismo no Jordão e, na metade da última semana, como estava profetizado, o Messias foi morto, e Seu

sangue foi derramado como sacrifício definitivo e símbolo da Nova Aliança de Deus com os homens.

Sim, a Palavra de Deus se cumpriu com exatidão nos dias do Novo Testamento. Daniel já descansava em seu túmulo havia mais de 500 anos, mas o Senhor cumpriu detalhadamente o que havia revelado para Seu profeta, provando que vale a pena confiar em Sua palavra.

[Continua...]

 Pause

1. Em suas orações, você tem se preocupado mais com seus próprios interesses ou com os de Deus?
2. Quando Daniel estava triste, seu consolo era saber que o Messias viria. Você também sente consolo ao saber que Ele voltará?
3. Quando foi a última vez que você consolou alguém falando de Cristo? Conte como foi.



Ele disse que viria, veio. Ele disse que morreria, morreu. Ele disse que ressuscitaria, ressuscitou. Ele disse que voltaria, espere-O.

Anônimo

Exillium

★★★★★ 2020 16 3T

JEJUM

Episódio 11 O Grande Conflito

*"No terceiro ano de Ciro, rei da Pérsia, foi revelada uma palavra a Daniel, cujo nome é Beltesazar; a palavra era verdadeira e envolvia grande conflito [...]"
Daniel 10:1*



É época de Páscoa, a festa que nos recorda de nossa libertação. O povo celebra e festeja. Os babilônios foram vencidos, e Ciro, o Grande, decretou que poderíamos voltar para casa. Contudo, enquanto estávamos jubilosos por ter a chance de criar nossas crianças na Terra Santa, o profeta Daniel permanecia em angústia. Para o povo, era tempo de celebrar a Páscoa. Para Daniel, porém, era tempo de jejuar.

Nossos sábios disseram que três dias são tempo suficiente para a purificação através do jejum. Porém, Daniel multiplicou por sete sua devoção e jejuou por três semanas. Na refeição da Páscoa, nosso povo comia a carne do cordeiro sacrificado, acompanhado por quatro taças de vinho. Nessa ocasião, contudo, Daniel rejeitou participar da festa: “Manjar desejável não comi, nem carne, nem vinho entraram na minha boca” (Daniel 10:3).

A razão dessa angústia é o fato de que quando os primeiros judeus voltaram do exílio para reconstruir a cidade e o templo, foram vítimas de atentados contra sua obra (leia Esdras 4:4,5). Aquilo doía muito. O sonho agora convertia-se em pesadelo. Justamente quando parecia que estávamos nos recuperando, a vida nos dava mais uma rasteira.

O único alívio para a dor na alma do profeta estava na oração. Foram três semanas sem respostas, até que um ser celestial indescritível apareceu acompanhado por um anjo que narrou para ele a

batalha cósmica que houvera por conta de suas orações:

“Não tenha medo, Daniel. Desde o primeiro dia em que você decidiu buscar entendimento e humilhar-se diante do seu Deus, suas palavras foram ouvidas, e eu vim em resposta a elas. Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias. Então Miguel, um dos príncipes supremos, veio em minha ajuda, pois eu fui impedido de prosseguir ali com os reis da Pérsia” (Daniel 10:12,13).

O profeta agora sabia de quem ele estava diante: o ser celestial Miguel. Nossos sábios costumavam identificar Miguel como o Messias aguardado e o sumo-sacerdote da Jerusalém celestial. Agora, Daniel está certo do cuidado divino, pois enquanto ele ora, Miguel, o sacerdote e guerreiro celestial, luta por ele e por seu povo.

A visão de Daniel sobre o conflito entre o bem e o mal seria bem explicada, séculos mais tarde, por uma jovem profetisa do ocidente: “Se nossos olhos se abrissem, veríamos em nosso redor os anjos maus procurando inventar alguma nova maneira de molestar-nos e destruir-nos. E também veríamos anjos de Deus guardando-nos do poder daqueles; pois os olhos vigilantes de Deus estão sempre sobre Israel, para o seu bem; e Ele protegerá e salvará Seu povo, se este nEle puser sua confiança”.

[Continua...]



1. Quando foi a última vez que você jejuou? Que tal marcarmos um tempo para que todos em nosso #pgmystyle jejuem em prol do novo ano que está às portas?

2. O que você sente ao saber que sua vida faz parte de algo maior, de um conflito de proporções cósmicas? Como isso tem afetado suas ações?

3. Você tem se posicionado ativamente neste conflito do bem contra o mal?



**O príncipe deste mundo,
Quão terrível se faz,
Porém ele não poderá fazer
nada, pois já está julgado,
E uma pequena palavra pode
derrubá-lo.**

Martinho Lutero - Castelo Forte, letra original

Exillum

★★★★★ 2020 16 3T

Episódio 12 A Resistência

*"[...] o povo que conhece o seu
Deus resistirá com firmeza."
Daniel 11:32*



O ser celestial que falara com Daniel no rio Tigre continuou a explicar-lhe o destino da humanidade. Mas, antes de falar do futuro, ele recordou por um breve instante seu passado: “no primeiro ano de Dario, rei dos medos, ajudei-o e dei-lhe apoio” (Daniel 11:1). O primeiro ano de Dario nos leva de volta ao capítulo nove do livro do profeta Daniel. É lá que está registrada a mais longa das sete orações de todo o livro. Foi um tempo angustiante para o profeta, e ele nem sabia que Miguel estava dando cobertura a Gabriel em sua missão. Ao que parece, tudo o que aconteceu com o homem de Deus foi acompanhado de perto pelo comandante do exército do Céu.

Agora, estranhamente, há um completo silêncio do profeta Daniel por todo o capítulo 11. A única voz ouvida é a do anjo que lhe explicou o destino da humanidade. Daniel, que tantas vezes dirigira suas preces ao Céu em longos e agonizantes momentos de oração, agora se encolheu em sua finitude para ouvir os decretos de Deus sobre o destino da humanidade. O homem que aprende a orar também precisa aprender a ouvir. Ouvir não apenas o que deseja, apenas. Ouvir não apenas o que interessa para sua própria existência. Ouvir para propagar ao mundo o plano de Deus para os habitantes de toda a Terra.

O anjo Gabriel passou a falar com Daniel sobre inúmeros conflitos que viriam. Guerras persas,

campanhas gregas de conquista, conflitos internos nas áreas de domínio grego e até mesmo as batalhas romanas e guerras ideológicas do tempo do fim. Mas a nota tônica deste discurso, sem dúvidas, é que “o povo que conhece o seu Deus resistirá com firmeza” (Daniel 11: 32).

É claro que o profeta se preocupava com as futuras gerações que carregariam o nome do Eterno. Em meio a tantas guerras e conflitos, enquanto o engano e a violência se alastravam por cada recanto de nosso planeta, como uma geração fiel a Deus poderia sobreviver? Ele mesmo havia presenciado muitos negarem sua fé durante o exílio. Viu pessoas que ele nunca imaginou cometendo sacrilégios contra Deus para evitar a dor e o sofrimento. A garantia do anjo de que sempre haveria um remanescente era como uma canção que aquietava seu coração agitado. O nome do Senhor permaneceria guardado entre os fiéis das futuras gerações.

[Continua...]



1. O que você sente ao saber que, mesmo sendo tão pequeno, o Céu tem total interesse em sua vida?
2. O que podemos fazer para ouvir a voz de Deus para nós através das Sagradas Escrituras?
3. A Escritura diz: “o povo que conhece o seu Deus resistirá com firmeza” (Daniel 11: 32). Como podemos ter certeza de que conhecemos a Deus e somos conhecidos por Ele?



**O silêncio é a oração
dos sábios.**

Augusto Cury

Exillium

★★★★★ 2020 16 3T

Episódio Final Do Pó às Estrelas

*"Naquela ocasião Miguel, o grande príncipe que protege o seu povo, se levantará. [...] Multidões que dormem no pó da terra acordarão: uns para a vida eterna, outros para a vergonha, para o desprezo eterno."
Daniel 12:1-2*



Os escritos de Daniel estão entre os mais estimados registros da história de nosso povo. Não apenas pelas mensagens que Deus nos deu através dele, mas também pelo fato de ele, cuidadosamente, ter deixado vários sinais de suas intenções no texto que escreveu.

Em primeiro lugar, ele quis deixar claro que não era apenas um profeta judeu. Ele era um profeta para o mundo. Por isso, ele escreveu a parte central de sua obra em aramaico (e não hebraico), para que mais pessoas pudessem ter acesso a sua obra. Depois, em suas profecias, ele falou de toda a terra – representada por expressões como quatro ventos ou quatro cantos – e não apenas o território de Israel e suas circunvizinhanças.

Além do mais, quando se referia ao Eterno em sua obra, ele evitava o nome pessoal e judaico de Deus (Yahweh), preferindo uma nomenclatura mais genérica, como “o Deus dos céus” (2:28), ou “o Altíssimo Deus” (4:8), ou simplesmente “Deus” (Elohim), para evitar as diferenças e acentuar o caráter universal do reino do Senhor.

Incrivelmente, Daniel também registrou atos heroicos protagonizados por gentios (em especial os reis pagãos Nabucodonosor, Dario e Ciro), para mostrar que Deus age através de todos, e não apenas através dos judeus. Como as gerações separatistas do futuro deveriam aprender com esse profeta!

Contudo, um dos aspectos redacionais mais impressionantes de Daniel se encontra na abertura de cada um dos capítulos de seu livro. Os capítulos 1-11 do livro de Daniel sempre iniciam com o nome de um rei: Jeoaquim, rei de Judá (1:1), Nabucodonosor (2:1; 3:1; 4:1), Belsazar (5:1; 7:1; 8:1), Dario, o Medo (6:1; 9: 1; 11:1) e Ciro (10:1). Sutilmente, o profeta queria mostrar que, desde que o rei de Judá foi vencido, o povo de Deus teve que se acostumar com um pagão reinando sobre eles.

Todavia, a história do povo de Deus não termina com um ímpio reinando. O capítulo 12 começa mostrando que no tempo do fim “se levantará, MIGUEL, o grande príncipe do seu povo” e, quando isso acontecer, Deus reinará sobre uma nação de ressuscitados que resplandecerão como os corpos celestes. Como aguardamos esse dia!

Infelizmente, muitos têm reduzido o livro do profeta Daniel a um mero calendário profético e têm isolado suas profecias de sua vida de oração, das catástrofes que superou e da perseguição que sofreu. Sem dúvidas, as datas são extremamente importantes, mas a revelação de Deus ao profeta não pode ser excluída de seus dramas pessoais, pois tudo é parte integrante de sua obra.

Hoje, Daniel repousa em sua sepultura, com nossos antepassados, aguardando o dia de sua libertação definitiva do cativeiro da morte. Isso se

dará no dia em que Miguel Se levantar e Daniel finalmente sairá do pó para ser como as estrelas. É nesse dia que o exílio, para o qual toda a humanidade foi levada, terá seu fim.



1. O que você achou do estudo do livro de Daniel neste trimestre? Você toparia estudar mais sobre esse assunto? O que mais o(a) surpreendeu enquanto estudávamos?

2. Você já perdeu alguém que ama? O que você sente ao ouvir sobre a esperança da ressurreição?

3. “Aqueles que conduzem muitos à justiça serão como as estrelas, para todo o sempre” (Daniel 12:3). O que você tem feito para conduzir pessoas nesse caminho?



Nada temos a temer quanto ao futuro, a menos que esqueçamos a maneira em que o Senhor nos tem guiado, e Seu ensino em nossa história passada.

Ellen G. White



Igreja Adventista
do Sétimo Dia®